

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO XV



COIMBRA/1975

UM QUADRO DA ESCOLA VALENCIANA NA SÉ DE COIMBRA

Destaca-se entre os vários quadros existentes na sacristia da Sé Nova de Coimbra um de razoáveis dimensões que, segundo a tradição, representa São Tomás de Vila Nova. Não conhecemos, no entanto, qualquer publicação que lhe faça referência além do INVENTÁRIO ARTÍSTICO DE PORTUGAL — CIDADE DE COIMBRA, onde o Prof. Nogueira Gonçalves escreve que efectivamente ali se encontra «...*uma tela grande, da escola espanhola, do séc. XVII, representando São Tomás de Vila Nova, de boa categoria, mas em mau estado...*» 0). Mais não diz o ilustre mestre sobre a obra, que, apesar de deficiente conservação, deixa perceber um nível superior àquele a que estamos habituados em Portugal.

Foi ainda o Prof. Nogueira Gonçalves quem pela primeira vez, há já alguns anos, leu a mutilada inscrição, embora nada tenha publicado sobre o assunto. Hoje em dia ainda se consegue perceber, se bem que com muita dificuldade, estando aposta na parte inferior esquerda da tela, e consta do seguinte:

«VERA EFIGIE STM... V^a
ARCH... SCOPI VALEM...
GASPAR.... ANO 1676»

Desde logo fica resolvido o problema de identificação iconográfica, pois temos como certa a representação de São Tomás de Vila Nova (2), o que está de acordo com o que tradicionalmente se vinha afirmando.

0) GONÇALVES, Nogueira, e CORREIA, Vergílio, in *Inventário Artístico de Portugal—Cidade de Coimbra* — Lisboa, 1947, pág. 22.

(2) São Tomás de Vila Nova nasceu em Fuenllana, pequena povoação da diocese de Toledo, no ano de 1488. Em 1516, entrou para a Ordem de Santo Agos-

Mais delicado é o problema da autoria pois o nome de Gaspar não consta do rol dos pintores do nível que a obra deixa transparecer. Porém, uma análise cuidada da tela revela alguns dos caracteres típicos da pintura espanhola do *Século de Ouro*, o que está de acordo com o afirmado pelo Prof. Nogueira Gonçalves no INVENTÁRIO. São estes, a técnica da pintura de amplias superfícies com contrastes de claro-escuro; a coloração um tanto sombria e, sobretudo, o fortíssimo carácter naturalista. Mas estes argumentos, só por si, não chegam para definitivamente atribuímos ao país vizinho a naturalidade do autor. Há outros, porém, decisivos e que analisaremos em seguida.

Note-se, para começar, que a temática de São Tomás de Vila Nova é exclusivamente, ou pelo menos, maioritariamente espanhola. Já Francisco Ribalta, o patriarca da Escola Valenciana, evocara o Arcebispo em 1610, num quadro em que este aparece rodeado de clérigos ajoelhados, o mesmo fazendo Murillo, que, cinquenta anos depois, também pinta São Tomás, então como na tela da Sé Nova, a dar esmolas aos pobres, mas trajando de Agostinho. E alguns outros exemplos poderiam ser dados.

Outro facto importante, que parece ser o de maior peso e que vem em favor da tese da origem espanhola, é a existência no Museu Machado de Castro de um relicário de prata contendo um pequeno fragmento de osso do Beato de Valência e uma imagem de roca, hoje situada numa das capelas do lado direito da nave da Catedral. Estas duas peças foram oferecidas ao cabido coimbrão em circunstâncias que cumpre recordar.

Lê-se o seguinte nos *Estatutos da Irmandade de Santo Tomás*:

«...O Senhor, que assim permittiu quebrasse em parte o fio da devoção d'este santo quando nesta sé apenas principiava, lá dispoz as cousas em fôrma, que tivesse o cabido de Valença negocio em esta santa sé de Coimbra, e que se desse por tão bem servido dos primores dos m. rev. capitulares d'ella, que affectuosamente lhes pediu todo aquelle cabido por uma carta muito cortez, como sua, lhes dessem também

tinho, tendo professado no ano seguinte. Dotado de excepcionais qualidades, teve uma brilhante carreira no meio eclesiástico, granjeando enorme popularidade, sobretudo durante a sua estada em Burgos, cidade que só abandonou em 1544, quando foi elevado à categoria de Arcebispo de Valência, cidade onde passaria os últimos onze anos de vida. Foi beatificado por Paulo V a 7 de Outubro de 1618 e canonizado por Alexandre VII a 1 de Novembro de 1658 (A. Aldea Vaquero, T. Marin Martinez, José Vives Gatell, *Dicionário de História Eclesiástica de Espanha*, Madrid, 1975).

os rev. capitulares de Coimbra ocasião, em que lhes podesse mostrar quanto se lhes confessava obrigado aquelle illustre cabido.

«Lançou mão da offerta o rev. cabido de Coimbra vendo lhe deparava a ventura a oportunidade, que tantos desejavam de haver para esta santa sé de Coimbra uma reliquia do santo prelado de Valença S. Thomaz de Villanova, e assim egualmente cortezes que pios responderam os rev. capitulares de Coimbra áquella generosa offerta do rev. cabido de Valença:

«— Que o cabido de Coimbra em premio de seu obsequio não queria mais, que a gloria de haver servido a tão illustre cabido como o de Valença; porém que se os desejos, com que se achavam os capitulares de Coimbra de servir sempre com a mesma promptidão áquelle rev.^{mo} cabido alguma cousa mereciam, lhe pediam muito por mercê uma reliquia do seu santo arcebispo Santo Thomaz de Villanova para desempenho da cordeal devoção da sé de Coimbra áquelle grande santo. —

«Deferiu, como se podia esperar de sua grandeza, aquelle generoso cabido a petição tão pia, offerecendo parte da reliquia, que há naquella cathédral do seu santo arcebispo; e que no mais assentasse o rev. cabido de Coimbra o modo e forma da conducção da santa reliquia, porque logo á risca seria obedecido.

«Alegres com tão grande despacho os rev. conegos de Coimbra, junto cabido, assentaram devia ir a Valença pessoa que fosse do corpo do cabido, assim para conduzir com mais segurança e decencia tão precioso thesouro; como para regradar áquelles illustres capitulares tão grande data.

«Caiu a boa sorte d'esta eleição em um dos mais empenhados devotos do santo, o conego Luis de Loureiro e Albuquerque, doutor na faculdade dos sagrados canones, e dando o rev. cabido, como é costume, parte d'esta sua resolução ao ill.^{mo} e rev.^m® sr. D. João de Mello, hoje dignissimo Bispo de Coimbra, a approvou e promoveu com seu costumado zelo o piedosissimo prelado...» (3).

Igualmente se referem às relações entre as Sés de Coimbra e Valência os cónegos levantinos, nomeadamente no auto da entrega da relíquia ao Doutor Luis de Loureiro e Albuquerque, onde a certo passo afirmaram :

«...Attendiendo, y considerando, que el muy illustre cabildo, y snrs. canónigos de la santa iglesia cathédral de Cohimbra del Reyno de Portugal, nos han escrito en repetidas ocasiones que en la dicha santa iglesia de Cohimbra, se havia favricado una sumptuosa capilla, dedicándola al gloriosissimo santo el IL.^{mo} y R.^{mo} Snr. Don Thomas de Villanueva..., y que dichos muy ilustres cabildo, y snrs. canónigos de dicha

(3) «Estatutos da Irmandade do glorioso Santo Thomaz de Villanova Arceb.º de Valensa, erecta na Santa Sé desta Cidade de Coimbra em o mez de Novembro da era de 1687. Sendo Juis Nuno da Sylva Telles, deputado do Santo Officio, e Lente de Canones nesta Universidade; Escrivão o D.^{or} Luis de Loureiro & Albuquerque Conego prebendado na mesma Sé; & Thesoureiro Amaro Lopes.» Publicados por GARCIA, P. Quintino, in *Instituições Christãs*. X anno, 2.^a Série. Seminário de Coimbra. Coimbra, 1892. Cap. V, pp. 305/6.

santa iglesia de Cohimbra, desseavan afectuosamente tener una reliquia del dicho gloriosissimo santo para collocar en la refferida capilla..., por los quales motivos, y a fin de que se estienda más la devoción de dicho santo, y también por la union, amor, y buena correspondencia, que professamos al muy illustre cabildo, y snrs. canónigos de la dicha santa iglesia cathédral de Cohimbra..., damos, y entregamos a los dichos..., y queremos que se entregue al snr. dom Luys Loureiro de Albuquerque, canónigo de la dicha Santa iglesia de Cohimbra, que ha venido ala presente ciudad de Valencia, en nombre de los dichos..., a fin de recibir, y llevar dicha reliquia; y para hazer el verdadero y real entrego de aquella, damos todo nuestro poder... a los señores..., para que en nuestro hagan el refferido entrego...

«Y certificamos nos otros los dichos cabildo, y canónigos de la dicha santa metropolitana iglesia de Valencia, que la dicha reliquia, ó huego del cuerpo del dicho Santo Thomas de Villanueva que damos, y imbiamos a la dicha santa iglesia de Cohimbra, es el mesmo, y la misma enteramente que hasta aora ha estado collocada en la capilla sussodicha de dicho Santo Thomas de Villanueva de la dicha santa metropolitana iglesia de Valencia, y que se le ha dado siempre culto, y veneración, como reliquia de dicho Santo exponiéndola publicamente em todos los dias festivos, y chollendos en el altar de dicha capilla, y dándola á adorar a todos los que llegavam a aquella ; pueste en el mesmo engaste de plata sobredourada, que la cine, en que ha entregamos, y que por tal reliquia de Santo Thomas de Villanueva ha sido tenida, venerada y reputada en la presente iglesia y ciudad de Valencia, por todos sus moradores.

«De todas las quales cosas los dichos snrs. canónigos... requirieron y mandaron a mi... lies fuese recebida carta publica, para que conste en lo venidero; la qual por mi dicho notario, y secretario les fue recedido en la dicha illustre, muy noble, siempre fiel, leal y coronada ciudad de Valencia del Cid, oy que contamos 20 dias del mes de noviembre del ano del Nacimiento de N.S.J.C. de 1680...» (4).

A existência destas relações entre os Cabidos de Valência e de Coimbra e a das já referidas peças de culto levam a aceitar como verosímil que o quadro de São Tomás terá igualmente origem valenciana. Não foi, no entanto, trazido em Janeiro de 1687, altura em que só veio o relicário e a imagem de roca como se pode perceber pelas páginas do livro dos Acórdãos de 1687.

«Aos 18 dias do mez de janeiro de 1687 annos chegou pelo meio dia a venerável reliquia de Sancto Thomaz de Villa Nova, arcebispo de Valença, conduzida pelo rev. conego Luiz de Loureiro e Albuquerque da mesma cidade e reino de Valença a S. Francisco da Ponte d'esta cidade de Coimbra, e logo mandou o ill.^{mo} sr. bispo conde D. João de Mello, e o rev. cabido repicar os sinos d'esta sé e mais egrejas d'esta mesma cidade, e recado a todas as religiões, e freguezias, e mais clero, que pelas

(4) «Auto de entrega de uma Santa reliquia del gloriosissimo Santo Thomas de Villanueva». Publicado por GARCIA, P. Quintino, in *Ob. cit.*. Cap. VI, p. 330.



2 horas de tarde se achassem no dicto convento de S. Francisco da Ponte para trazerem em procissão a dicta reliquia para esta santa sé.

«Pelas 2 horas saiu o cabido com o sr. bispo, e mais freguezias, e chegando a S. Francisco, aonde estavam todas as religiões juntas, se formou a procissão na maneira seguinte.

«O ill.^{mo} sr. bispo conde vestido de pontifical trouxe a santa reliquia debaixo do pallio, e logo se seguiu o rev. cabido, e successivamente a elle a comunidade dos religiosos de N. Senhora da Graça, os quaes trouxeram em uma charola muito bem ornada a venerável imagem do glorioso santo Thomaz de Villa Nova, que também o dicto rev. conego trouxe de Valença em companhia da santa reliquia, a qual imagem é vera effigie do mesmo santo, e é a que hoje está em a sua capella.

«E logo se seguiam as mais religiões e egrejas com o clero com muita gente popular, a maior parte da universidade, que vinham atraz do pallio, e assim veiu para esta egreja com grande applauzo e veneração de todos.

«No dia seguinte esteve o Sacramento todo o dia exposto, com sermões de manhã e tarde, e esta sé armada, e concertada na maneira que foi possível, e em o dia todo esteve concorrendo a esta egreja beijar a santa reliquia tal quantidade de gente, que foi admiração a todos.

«O rev. cabido de Valença deu a custodia em que ella veiu de prata sobre dou-rada de feitio triangular. Está mettida a santa reliquia em um cristal de tres vidros, e dentro do thesouro d'esta sé, onde estão as mais reliquias, está depositada.

«No nosso cartorio estão os papeis que vieram de Valença da justificação da reliquia e entrega d'esta, e carta que o rev. cabido de Valença nos escreveu. E se mandou fazer este termo, para que em todo o tempo conste do modo com que chegou a santa reliquia a esta sé, e veneração em que foi e é tida de todos geralmente. Coimbra, de novembro 27 de 1689. Eu Mauricio Saraiva da Costa, que sirvo de secretario do rev. cabido, este fiz escrever e subscrevi dia, mez e era ut supra. Mauricio Saraiva da Costa» (5).

Se o quadro tivesse vindo então, certamente que do Livro dos Acórdãos também o facto constaria como acontece para as outras duas obras.

Mas, por outro lado, igualmente se depreende, pelos documentos atrás referidos, que a devoção de São Tomás em Coimbra já era anterior a 1680, o que pode explicar a execução da tela dez anos antes. Porém, também nada nos diz que esta não tivesse sido comprada em qualquer templo em época bastante posterior.

Parece-nos no entanto que este problema é irrelevante para a identificação do autor, que, apesar de falta de dados seguros, mas por nos

(5) «Sobre a chegada da reliquia de Sr. Santo Thomaz de Villa Nova Arcebispo de Valença a esta Sé». Publicado por GARCIA, P. Quintino, in *Ob. cit.* Cap. IV, p. 263.

parecer lógico, nos atrevemos o opinar como valenciano, dessa cidade que era então o centro devocional de São Tomás de Vila Nova e onde existia uma importantíssima Escola de Pintura, que tantos vultos deu às Artes Plásticas Espanholas.

Mas esta hipótese fortalece-se e afirma-se definitivamente com a noticia da existência em Valência nesta época de um pintor de nome Gaspar de la Huerta, apesar das obras modernas sobre pintura espanhola não lhe prestarem a atenção que seria devida ao autor de uma tela de tão grande categoria, como a da Sé de Coimbra, facilmente atribuível a um homem do nível de Ribalta, Orrente ou Ribera.

Cean Bermudes dá-nos, porém, alguns informes sobre Huerta que «...*Nascio en la villa del Campillo de Altobuey, provincia de Cuenca, el 2 de Septiembre del ano de 1645, y mui corta edad paso à Valencia, llevado de su inclinación à la pintura... fué enterrado el 18 de Diciembre de 714...*» (6).

Temos assim que a vida de Huerta é contemporânea dos acontecimentos atrás referidos, tendo pois a possibilidade de ter pintado a tela de São Tomás em 1676, há precisamente trezentos anos, então com 31 anos de idade, em plena maturidade artística.

Outras publicações o referem, nomeadamente modernas dicionários de pintura, mas todos os artigos — pequenos em extensão — parecem decalcados, ou, pelo menos, beberem na obra de Bermudez e este, por sua vez, parece também seguir Orellana, que na sua BIOGRAFIA PICTÓRICA VALENTINA (7) dedica nove páginas a Huerta. Porém, Orellana remete sistematicamente para as obras de Ponz(8) e Palomino (9). Estes últimos, e sobretudo Palomino que foi contemporâneo de Huerta, testemunharam a existência de inúmeras das suas obras e por eles sabemos que não havia praticamente nenhum templo em Valência e seus arredores que não possuísse algumas. Como se justificará, porém, que Huerta não figure em manuais ou em outras obras

(6) BERMUDEZ, J. Augustin Cean — in *Diccionario historico de los mas ilustres profesores de las Bellas Artes en Espana*. Madrid. Real Academia de S. Fernando, 1800. Tomo 2, pp. 302-305.

(7) ORELLANA, Marcos António de, *Biografia Pictoria Valentina — Vida de los pintores, architectos, escultores y grabadores valentinos*. 2.^a edic. ORG. XAVIER SALAS. Valencia 1967, pp. 514-523.

(8) PONZ, António, *Viaje de Espana*. Madrid, 1772-1794. Tomo IV.

(9) PALOMINO, António Acisclo, *Museo Pictórico y Escala Ootico*. Madrid, Madrid, 1715-1724. Tomo III.

mais exaustivas dedicadas à pintura espanhola, ou, quando aparece, apenas é referenciado a par de pintores de ínfima categoria?

A razão justifica-se pelo facto de terem desaparecido quase totalmente as suas telas e tábulas. Qualquer estudioso que hoje percorra as igrejas e conventos onde Palomino, Orellana ou Bermudez as assinavam quase nenhuma encontra, não se justificando de certo modo a inclusão do seu nome em actuais monografias.

Os citados autores referem pinturas suas em Valência, Segorbe, Gandid e Gandia. Só na cidade de Jaime I estava representado nas igrejas Del Carmen Calzado, Milagro, San Felipe Neri, El Temple, Santo Domingo, San Francisco, Monjas de Jérusalem, Santo Tomas, San Martin e San Sebastian.

Poucos serão, pois, os pintores cuja obra sofreu tamanhas mutilações. Convém, no entanto, recordar o que foi a vida de Gaspar de la Huerta.

Como já anteriormente se disse, nasceu numa pequena povoação da província de Cuenca — Campillo de Altobuey — no coração do Levante Espanhol, no ano de 1645.

Aos seis anos de idade, foi para Valência, ficando em casa de Jesualda Sanchiz, viúva de um pintor local de nome Pedro Infante, que continuou a oficina fundada pelo marido. Ai, e desde a infancia, começou a habituar-se ao manejo de espátulas e pincéis, bem como ao fabrico de tintas e outros colorantes, o que foi decisivo para a sua formação e futura carreira.

Não devia porém ter aprendido muito, pois que Pedro Infante era um artista secundário, os seus subalternos que continuaram o seu trabalho sob a orientação de Jesualda ainda deviam ser piores. Mas, certamente com grande inclinação para as Artes Plásticas, conseguiu alcançar um nível significativo, ainda jovem.

A sua técnica e as suas concepções plásticas seguiam as dos seus antecessores valencianos, porfilhando a corrente naturalista espanhola do Século de Ouro. Marcos Orellana refere a propósito que se «... *encontraba algún pobre pordiosero cuyo semblante y venerable rostro le parecia oportuno para representar el de algún Apóstolo, u otro Santo determinado, solia llamarle, y le preguntaba, quanto solia en todo dia recoger de limosna? U sabido la respuesta, le proponía, que si queria dexarse retratar, le daría lo mismo. U conviniendo en ello, sacaba el dibujo, y sirviéndole el pobre de modelo, con lo qual tenia prevenido un retrato adecuado para*

el fin que después necesitaba, y dexaba juntamente remediado la necesidad de aquel pobre» ⁽¹⁰⁾.

E isto é da maior importância para o quadro que é objecto deste estudo, pois aí figuram efectivamente pobres recebendo esmolas. E mais se afirma o naturalismo de Huerta se atendermos nas palavras de Miguel Salon o biógrafo de S. Tomás de Vila Nova, que nos relata o modo como o Arcebispo Valenciano distribuía as suas dádivas.

«...Sin esta limosna ordinaria que se hazia por mano del limosnero, socorria el, Padre Don Tomas por sus manus a muchos de los mismos que teniam mas familia, y mas honra, y necesitavam de mayor limosna: para lo qual tenia una memoria y arancel de los que avia deste manera en cada Parroquia, y ordenado que una semana veniessem los de una, y otra semana los de otra, y desta suerte, por su turno, de tres en tres meses bolvian los de la misma Paroquia a recibir aquella limosna de su mano como por sus tercios. Esta limosna dava a cada uno un papel quando salia a dezir Missa y eran ordinariamente los que veniam cada dia a recibirla, de quinze a diez y ocho personas, y algunas vezes mas» ⁽¹¹⁾.

Podemos pois concluir que a tela da Sé Nova, pelas suas características, é um excelente representante da maior época de pintura espanhola, em que está bem marcada a sua característica mais própria — o naturalismo.

Huerta continuaria a pintar muitos anos ainda depois de ter retratado S. Tomás neste quadro, pois só viria a morrer em 1714. Apesar do péssimo estado de conservação da tela, ainda se apercebem as possibilidades e mestria do seu autor. Sendo de razoáveis dimensões — 2,00 m x 1,35 m — nela pôde demarcar Huerta três planos distintos: um primeiro, em que se avulta a figura do Arcebispo Valenciano, homem já entrado na idade e de faces bem vincadas, trajando modestamente e estendendo as mãos para dar esmola a uma criança que a espera de olhar ansioso, e que lhe estende as suas para recolher algumas moedas. A seu lado, mas um pouco mais à frente, colocou Huerta um velho pedinte, de joelho em terra e apoiado a um bordão. É uma figura notável pelo vigor e realismo, nomeadamente pela atitude especiante.

(10) Idem, 7, pp. 516-517.

(11) SALON, Miguel, in «*La vida y milagros del ilustr. y reverend. señor el beato P. D. Fr. Tomas de Villanueva Arçobispo de Valençia del Orden de S. Agustín*», En Valencia, 1651, Cap. XVIII, p. 339.

Em segundo plano, observa-se por trás de S. Tomás um clérigo de ar grave, de olhar perdido num espaço que ultrapassa os horizontes físicos da tela, completamente alheado da cena em que participa; segura este uma cruz processional de fino lavor. Completam a zona média — no sentido da profundidade — as figuras de cinco outros pobres, homens e mulheres curvados e abatidos.

Por último dá o artista o ambiente, através da representação de formas arquitectónicas frias e austeras, de entre as quais emergem dois outros vultos humanos que se aproximam do clérigo.

Composição notável deste grande e ignorado pintor. Lamentavelmente a sua detrioração não deixa perceber todos os pormenores, nomeadamente as cores.

É esta uma obra que urge recuperar, pois não encontramos em Coimbra nem mesmo em Portugal muitas pinturas barrocas deste nível e desta valia.

PEDRO DIAS